

O Jovem: Cultura e Cidadania, os Movimentos Sociais e a Educação

Young: Citizenship and Culture, Education and Social Movements

Ana Cristina Guedes de Oliveira^{a*}

^aUniversidade Cruzeiro do Sul, Programa *Stricto Sensu* em Políticas Sociais, SP, Brasil

*E-mail: prof.ana@bol.com.br

Resumo

Este artigo trata da percepção e da prática da cidadania dos alunos de uma escola do Ensino Médio na cidade de São Paulo. Pretende discutir suas posturas diante dos temas como atuação política, atenção aos menos favorecidos, trabalho voluntário e atenção pelo atendimento às necessidades básicas da população como: transporte público, educação, saúde, segurança, perspectivas sociais entre outros. A pesquisa utilizou como base um questionário respondido por esses jovens estudantes, entre 15 e 18 anos, e procurou contextualizar essa postura diante das transformações culturais contemporâneas e suas características individuais. Verificou-se que a atuação desses jovens ocorre em trabalhos voluntários nos quais estão envolvidos. É perceptível que eles têm consciência social, opinião a respeito e vontade para atuar, mas não conseguem definir como podem participar de maneira efetiva. Finalmente, buscou-se uma possibilidade para a formação cidadã deste jovem por intermédio da Educação, que poderá contribuir para a construção de um ator social consciente de sua posição na sociedade.

Palavras-chave: Jovem e Cultura. Cidadania. Educação.

Abstract

This article deals with the perception and practice of citizenship by students of a high school in the city of São Paulo. It discusses their positions on political action, attention to the least favored volunteer work, and attention to the basic needs of the population such as public transportation, education, health, and public safety. A questionnaire was filled out by young students between 15 and 18 years old, aimed to contextualize this posture in contemporary cultural transformations and their individual characteristics. The performance of these young people occurs in volunteer work in which they are involved. It is noticeable that they have a social conscience, opinion, but cannot define how they can participate effectively. Finally, we found that Education may contribute to the construction of a social actor aware of their position in society.

Keywords: Youth and Culture. Citizenship. Education.

1 Introdução

Pretendeu-se neste artigo investigar a postura do jovem diante das situações nas quais ele participa na sociedade, como sujeito de direito e, portanto, entende-se que este jovem deve estar preparado para atuar criticamente e com isso melhorar as condições de vida para ele e para a sociedade. O objetivo deste estudo é analisar o jovem, a importância de sua atuação, acompanhar sua formação e assim prepará-lo para a fase adulta com o intuito de fazê-lo colaborar com uma sociedade mais justa e igualitária. Escolhi este tema por atuar na área da Educação e como educadora percebo que, atualmente, este jovem apresenta pouca manifestação expressa. Constatam-se, pelo estudo feito, que o jovem tem muitas ideias, tem consciência crítica, mas a sua dificuldade está na prática do exercício da cidadania, ele mesmo diz não saber como pode atuar para fazer valer o direito a todos.

Entende-se por jovem, uma pessoa na idade entre 15 a 29 anos, compreende-se o período na vida de uma pessoa entre a infância e a maioridade, de acordo com a Proposta de Emenda à Constituição - PEC da juventude, inicialmente aprovada sob o nº 42/2008 e também aprovada pelo Congresso Nacional, em

setembro de 2010 sob o nº 65, onde consta a inserção do termo jovem no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal e da ampliação das políticas públicas juvenis, para assim dar melhor atendimento.

Confirma-se esta definição, sem levar em conta o aspecto psicológico e social, apenas etário, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/90, que diz em seus artigos:

Esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990).

Baseadas nessas definições a respeito do que é ser jovem, ou mesmo do que é ser adolescente, é que se pretende analisar neste período entre a imaturidade e maturidade como ele se comporta na sociedade, como vê a prática da cidadania e como se vê enquanto cidadão. Porém, é preciso entender que a definição legal de jovem e de adolescente está na questão de faixa etária, e o que interessa nesta pesquisa, é justamente analisar o comportamento do adolescente que se tornará um cidadão.

Há de se destacar também o contexto em que vive a

juventude contemporânea, ou seja, o conjunto de jovens capazes de atuar na sociedade. É preciso entender o conceito de juventude e de jovem. Segundo Dayrell (2003), para entender o que é ser jovem, é preciso buscar compreendê-los como sujeitos sociais, isto é, a atuação destes jovens enquanto participantes de grupos que tenham as mesmas ideologias, possibilitando o conhecimento da sua realidade cotidiana, a forma como constroem o estilo, os significados que lhe atribuem e o que expressam no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Com isso, percebe-se uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Percebem-se, então, como os jovens constroem um determinado modo de ser jovem. Ainda confirmando esta mesma concepção, de acordo com Sposito (1997), o indivíduo para ser considerado jovem precisa ser um sujeito possuidor de direitos.

Segundo Novaes (2004), a universalidade da categoria juventude significa reconhecer sua historicidade, variam as idades cronológicas e as expectativas que as sociedades constroem sobre seus jovens. De fato, são perceptíveis as definições sobre infância, juventude e maturidade, quando se remete à legislação, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069/1990, que assim determina. Novaes (2004) ainda afirma que, são arbitrários culturais e regras socialmente construídas que determinam quando, como e por meio de quais rituais as sociedades reconhecem as passagens entre estas fases da vida e, portanto, constata-se que independente de seu aspecto social e psicológico, ser jovem é passar da fase da infância para a adolescência e finalmente para a fase adulta.

O presente artigo visou analisar a postura do jovem na atualidade, investigar sobre sua atuação enquanto cidadão e se a educação pode contribuir para formação e preparo deste jovem para o exercício da cidadania.

De acordo com Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Percebe-se então que é preciso preparar o jovem para o exercício da cidadania, tornando-o atuante, que reivindique, aja em prol de uma sociedade mais equitativa. Espera-se, portanto, que a escola possa exercer um importante papel e contribuir para que ocorra esta formação. Pode-se assim afirmar que a escola é um dos *locus* de formação da cidadania, talvez seja um dos mais importantes, mas a responsabilidade dessa formação deveria ser compartilhada com outros espaços, como a família, a igreja, Organizações Não Governamentais - ONGs entre outros. Para tanto, se faz necessário destacar a importância da cultura para o jovem.

A cultura pode ser vista como o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade; é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento dos valores espirituais, morais e materiais, os quais guiam nosso comportamento e assim caracterizam um grupo étnico ou uma nação, estando em permanente processo de mudança. É o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência transformando a realidade.

Segundo Morin (1967) cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções, o que significa dizer que cada indivíduo possui uma cultura e ao se desenvolver vai adquirindo outras culturas tão importantes quanto a que possui e o capacita para viver em sociedade.

Além disso, nota-se que uma das possibilidades de preparar o futuro cidadão para a sociedade pode ser a escola, pois se considera possível que a vivência escolar venha a ser um momento privilegiado na construção da cidadania, na oferta de conhecimento e assim esta poderá exercer o papel de capacitar o aluno, para que este aprenda a se posicionar, a orientar suas ações e a fazer opções conscientes no seu dia a dia. Mas é preciso deixar claro que não só a escola pode colaborar para esta formação, porque existem outros locais onde a educação se faz presente e consequentemente também poderá contribuir para esta formação.

Justifica-se aqui a importância deste estudo, baseado em teóricos que nos apontam concepções a respeito do jovem e muitos acreditam que é possível, por meio de uma educação emancipadora e autônoma, que o jovem seja capaz de atuar na sociedade da qual vive.

Há também outra possibilidade de se preparar o jovem para o exercício da cidadania entendendo que é preciso reivindicar os seus direitos. Podem-se obter mudanças de postura, através de suas manifestações e participações em movimentos sociais. Já houve muitos momentos em que a juventude se dispôs a participar de movimentos sociais que os levaram a muitas conquistas. Isto não significa que todos tenham a mesma conduta ou pensem da mesma forma. A partir daí, retoma-se a concepção de Sposito (1997) quando diz que o jovem é um ser possuidor de direitos; é o que também afirma Souza (2004), quando diz que “é preciso que a população tenha consciência de que juntos podem lutar para conquistar seus direitos.” Confirma-se que há uma série de atitudes capazes de contribuir para a formação de um jovem cidadão que não seja transmitida somente pela escola.

Portanto o objetivo deste artigo é apresentar quem é de fato este jovem, se ele atua enquanto cidadão, como ele atua e se não o faz, por que não atua.

2 Material e Métodos

A partir das definições sobre o jovem e a juventude, foi realizado um trabalho de investigação com os alunos de uma escola de classe média e média baixa, da rede particular de

ensino; muitos deles já envolvidos com o mercado de trabalho e pertencentes a famílias com diferenças acentuadas em sua renda *per capita*. Este fato leva a assumir a heterogeneidade como critério de escolha, por se tratar de jovens de universos diferentes. A pesquisa se resume ao conteúdo de apenas duas perguntas objetivas aplicadas a um grupo de 70 adolescentes de 15 a 18 anos de idade, foco este de nosso estudo, em apenas uma escola particular na zona sul da cidade de São Paulo. Esta escola fica em bairro residencial e comercial, no centro de Santo Amaro, onde o comércio é muito forte, além de a escola estar em lugar de passagem, com fluxo rápido e bastante atendido pelo transporte público, o que faz com que sua clientela seja muito heterogênea, recebendo uma grande parcela de alunos oriundos de bairros periféricos próximos e também do próprio bairro onde está localizada. Tem uma mensalidade acessível para a classe média e média baixa, além de oferecer ensino médio técnico profissionalizante. Estas duas questões basicamente foram propostas para verificar a postura dos alunos com relação às suas participações em movimentos sociais e, se participando, em qual movimento social se envolveriam. A seguir foi feita uma segunda pesquisa através de um questionário ao número maior de jovens, adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, frequentadores da mesma escola para verificar se eles se envolvem em outras atividades que não as escolares, se praticam alguma ação voluntária ou até se participam de algum movimento estudantil.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida, é preciso entender e analisar teoricamente o jovem, como é sua postura e se ele está preparado para exercer sua cidadania.

3 Resultados e Discussão

3.1 O jovem, a cultura e a cidadania cultural

Começamos por entender cultura, que segundo Marilena Chauí, é o oposto de natureza, e em suas palavras “considera-se natural tudo que existe no universo sem intervenção da vontade e da ação humanas”, ou seja, tudo que tem a intervenção da vontade e ação humanas é cultura. Cultura vem “do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, cultura significa o cuidado do homem com a natureza” (CHAUÍ, 2006, p.104-105).

Ainda de acordo com Chauí (2006) a cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para se tornarem membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e pelo refinamento de suas qualidades naturais. Através da cultura alterava-se a qualidade natural de alguém como sua índole, temperamento e caráter para moldá-la aos valores impostos pela sociedade.

Nesta perspectiva a cultura era considerada pela moral, pela ética e pela política. O cerne da cultura nestas épocas passadas era o desenvolvimento da criança em suas várias esferas: educação, índole, temperamento conforme os costumes da sociedade em que elas estavam inseridas,

contribuindo para a formação íntegra do que se considerava ser um cidadão.

A cultura era, assim, a intervenção deliberada e voluntária dos homens sobre a natureza de alguém para torná-la conforme aos valores de suas sociedades. Significava ainda o cuidado com a alma e o corpo das crianças, com a educação e sua formação (CHAUÍ, 2006, p.105).

Na Antiguidade acreditava-se em duas narrativas místicas para explicar como os humanos iam tornando-se cultos. Na primeira passagem, o homem aprendia a se desenvolver para sobreviver, o que se atribuiu ao trabalho, e na segunda passagem, aprendia a se expressar, o que remeteu à sociabilidade comunicativa.

A partir do século XVIII, cultura passou a ter novos significados, pois se atrelavam aos resultados obtidos pelo trabalho e sociabilidade, que passaram a ser expressos em suas obras: artes, ciências, filosofia, ofícios, religião e o próprio Estado. Neste momento, a cultura passou a ser sinônimo de *civilização* onde apresenta os efeitos de sua formação e educação, de seu trabalho e da sociabilidade. Via-se então, que culta era a pessoa moralmente virtuosa, politicamente consciente e participante, intelectualmente desenvolvida, o que determinava sua classe social entre cultos e incultos.

Chauí (2006) afirma ainda que a cultura é a segunda natureza do homem, a adquirida, que aperfeiçoa aquela conhecida como inata. E a partir daí, alterou-se o conceito de cultura para indicar que há a ideia de civilização, mas somada a relação de seres humanos socialmente organizados que se transformam e variam de acordo com condições sociais e temporais o que incide a significar outro sinônimo para cultura que agora passa a ser *história* do homem no tempo e com o tempo.

Percebe-se, então, que a partir da *história*, toda e qualquer manifestação do homem, no lugar onde ele está como: as danças, músicas, rituais, vestimentas, culinárias, habitação, formas de conduta, transgressões, linguagem entre outras, confirmam o surgimento da cultura. De acordo com Chauí (2006, p.113-114),

Cultura é, pois, a maneira pela qual os humanos se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística [...] as instituições sociais (como a família) e políticas (como o Estado), os costumes diante da morte, a guerra, as ciências, a filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e étnicas, tudo isso constitui a cultura.

Neste sentido, há de se destacar que para o jovem contemporâneo, necessário é um lugar em que ações e práticas se concretizem fazendo com que os indivíduos se relacionem entre si e com a natureza. A cultura é uma forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o mundo, é uma herança e um reaprendizado das relações entre o homem e o seu meio.

O conceito cultura vem sendo abordado por muitos estudiosos no decorrer dos anos, e muitas foram as

interpretações sobre o assunto. Bourdieu (1998), por exemplo, fala de uma cultura que é privilegiada principalmente pela classe dominante. Para o autor:

O privilégio cultural torna-se patente quando se trata da familiaridade com obras de arte, a qual só pode advir da frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos (frequência que não é organizada pela escola, ou somente de maneira esporádica). Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos, quanto mais elevada é sua origem social. (BOURDIEU, 1998, p.45).

O conceito de cultura de massa é tratado por autores como Morin (1967) e Adorno e Horkheimer 2002 nasce ao lado das culturas clássicas, religiosas ou humanistas e nacionais, após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, e se confirma com a nova era tecnológica, com a valorização da imprensa, do jornal, da TV e do rádio. Segundo Morin (1967) cultura de massa, produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial; propaganda pelas técnicas de difusão maciça; destinando-se a uma massa social, isto é, aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade. Isto quer dizer que também é considerada cultura, constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária; é realista; é o produto das técnicas modernas.

Portanto, podemos entender cultura partindo do princípio de Morin (1967, p.16) no qual a “cultura orienta, desenvolve, domestica certas virtualidades humanas, mas inibe ou proíbe outras”. Por isso, dizemos que a cultura se constitui de normas, liga os homens por relações de identificação; estes possuem entre si um sistema de atitudes afetivas e intelectuais, o que acontece nas culturas clássica, nacional, religiosa e humanista, mas também na cultura de massa, que se constitui tanto da vida prática como da vida imaginária; e se acrescenta às outras culturas.

Cultura não se reduz como muitos pensam, em entretenimento ou passatempo. Ela é um veículo de transformação e renovação de um grupo social. É preciso encará-la como educação. Educação em suas diferentes dimensões, educação como a possibilidade de capacitar o ser através da música, da poesia, da literatura, das artes plásticas, do teatro, do cinema, do vídeo, mas também fomentar políticas que promovam para o ser a possibilidade de debate, a pesquisa, a inclusão social e a conscientização do dever de preservar o ambiente urbano; trabalhar o dia-a-dia, se expressar com clareza para atingir seus objetivos.

Neste sentido, através da vivência cotidiana, da cultura assim compreendida, que seremos cidadãos, descobriremos o nosso verdadeiro papel dentro da comunidade para alcançarmos a tão esperada e falada “cidadania” que nada mais é do que a qualidade de cidadão cômico dos seus direitos e deveres para com a sociedade em que vive.

3.2 O jovem e a juventude

Para entender ao que se está referindo quando se fala de “jovem” e de “juventude” é que se faz necessária à

definição, que de acordo com Novaes (2004), na sociedade moderna, embora haja variação dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro. Por isto mesmo, de maneira geral, a juventude é a fase da vida mais marcada por ambivalências.

Para Novaes (2004), ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade, isto significa estar em conflito com o que se é imposto e o que se quer fazer, e ao mesmo tempo, poderem viver grandes expectativas de emancipação.

Certamente, entre os jovens contemporâneos, há diferenças culturais e desigualdades sociais. Os jovens de hoje também se diferenciam em termos de orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, de galeras, de turmas, de grupos e de torcidas organizadas. Estes demarcadores de identidades podem aproximar jovens socialmente separados ou separar jovens socialmente próximos. Certamente a dimensão biológica (os hormônios, o corpo jovem), favorece a predisposição para a aventura e as representações de força e vitalidade motivando a ousadia de arriscadas práticas juvenis. Mas, para além do aspecto biológico, e apesar dos abismos sociais existentes, ser jovem em um mesmo tempo histórico é viver uma experiência geracional comum.

Para Dayrell (2003) há uma série de imagens sobre a juventude que interferem na maneira de compreender o jovem. A juventude é vista na transitoriedade do jovem, sua passagem para a vida adulta, e partindo deste princípio, há uma tendência a vê-la de modo negativo, o que diz que o jovem está no “*vir a ser*”. Este princípio está muito presente na vida do jovem e na escola, onde se vê como espaço válido para a sua formação, e ainda reduz sua percepção de mundo apenas para o campo da cultura, como se ele só soubesse se expressar em atividades culturais na sua condição juvenil. Para o autor a juventude pode ser vista como um momento de crise, com conflitos, com sua autoestima e com sua personalidade, e com isso consequentemente a ideia de que se distancia da família.

Há de se destacar a afirmação de Peralva (1997, p.20) de que,

[...] a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo.

A diversidade se concretiza com base nas condições sociais, culturais, étnicas, religiosas, de gênero e também por localização geográfica, o que colabora para a construção da juventude na sociedade com a especificidade de cada lugar, e por isso não se vê mais presa a padrões rígidos, e sim como processo de crescimento de uma sociedade no seu contexto social. Ou ainda, compreender a juventude como sequência temporal no curso da vida, o quer dizer que quando o jovem

atinge a capacidade de procriar, passa a dar sinais de autonomia, passa a assumir responsabilidades e conseqüentemente vai buscar sua independência econômica.

Há ainda que se dizer que o jovem é um sujeito social, sinônimo de ator social, aberto ao mundo e possuidor de uma história, tem desejos e é movido por eles; se relaciona com outros jovens que também são sujeitos. Para Dayrell (2003), o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, se produz e é produzido no conjunto das relações no qual está inserido.

Segundo Canevacci (2005), na sociedade contemporânea, o jovem ocupa o lugar de protagonista. Considera-o também um sujeito ativo. Aliás, para o autor, a categoria de jovem estende-se sem tempo, sem distinções de faixas etárias, as quais se abrem e se dilatam; dilatam sua condição de “não-mais-adolescentes” e “ainda-não-adultos”. São considerados como intermináveis e por isso, não acredita em uma identidade fixa para o jovem.

Ainda de acordo com Canevacci (2005), o jovem era ativo, participativo e político na década de 1960, e hoje, conhecido como “*teenager*”, encontra novas possibilidades que redefinem e amplia o seu papel na sociedade; os movimentos juvenis, as músicas com seus ritmos, como o rock entre outros é o que os fortalecem e os tornam principais sujeitos deste mundo. O autor ainda afirma que houve a dilatação do conceito de jovem, transformando as categorias, que antes fixavam faixas etárias determinadas e claras para sua definição. Amplia-se a classificação dos jovens, ou seja, não há mais divisões de faixa etária, porque a passagem da juventude ao mundo dos adultos tornou-se algo indeciso; estes estudam, se formam em uma profissão, mas cada vez mais se tornam dependentes dos pais; também são alteradas as noções de trabalho e de responsabilidade. O trabalho se apresenta não como repetitivo e alienado, mas criativo, individual e temporário. Só que com esta mudança, há uma substituição do trabalho humano para o mecânico-eletrônico e, como consequência, percebe-se a queda da oferta de trabalho para as pessoas, e os jovens que não mais adolescentes, mas também não adultos, se encontram neste mundo sem maiores possibilidades de trabalho.

Percebe-se ainda, conforme Canevacci (2005, p.28) “Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem, como não terminada e inclusive não terminável.” Os valores como, por exemplo, o casamento; sofrem grandes modificações e o que antigamente era valorizado, hoje não é mais. O jovem quer ser eternamente jovem, pois acredita que envelhecer significa sua autodestruição. Na verdade, é a percepção do ser e do sentir que mudou nesta juventude. Por este motivo que se reforça a ideia de que ser jovem é ser sujeito de direito, e deve estar pronto para atuar, expor sua posição, não é só conhecê-lo como um ser eternamente jovem, sem perspectiva para mudar a sociedade.

É neste momento, que se podem perceber os grandes conflitos psicológicos com e entre os jovens, a começar da própria adolescência, o que significa especificamente aqui,

saber como pensa e age o jovem entre 13 e 17 anos, que é como a lei assim determina ao adolescente.

Para Melucci (1997, p.8) a:

Adolescência é a idade na vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. A adolescência, é a fase na qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta, com isso se inaugura a juventude e constitui sua fase inicial.

É importante, neste momento, ressaltar a dimensão do tempo nesta fase da vida. Nas sociedades do passado, a incerteza quanto ao futuro podia ser o resultado de eventos aleatórios e incontrolláveis (epidemia, guerra, colapso econômico), mas raramente envolvia a posição de cada um na vida, a qual era determinada pelo nascimento e se tornava previsível pela história da família e do contexto social. Para o adolescente moderno, por outro lado, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incerteza, que derivam simplesmente dessa ampliação de perspectivas: a disponibilidade e possibilidades sociais, a variedade de cenários, dos quais as escolhas podem ser situadas. Na experiência dos adolescentes de hoje, a necessidade de testar limites tornou-se uma condição de sobrevivência do sentido.

Melucci (1997) aponta que os adolescentes de hoje constroem sua experiência de forma fragmentada. Eles pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos, entram e saem destas formas de participação de forma muito rápida. Possuem uma enorme quantidade de informação através das redes sociais, mandam e recebem informações com a mesma intensidade que crescem sem precedentes e sem seletividade. Utilizam-se dos meios de comunicação, no ambiente educacional ou de trabalho, nas relações interpessoais, no lazer e geram mensagens que facilitam trocas, mas também contribuem para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída. Não há seleção nem tão pouco existe preocupação com levantamento de aspectos positivos e/ou negativos, nem consequências, o que torna, muitas vezes, a informação cada vez mais incerta e, o que seria de grande serventia perde-se no geral, nada é aproveitado, portanto estas informações caem no vazio.

A noção de pertencimento a um grupo, que até algumas décadas era algo que estava acima de qualquer mudança no mundo, hoje se esvai e se torna obsoleto. Isso é fruto do nascimento das identidades multifacetadas, reflexo direto do peso dos meios de comunicação na formação das identidades das pessoas com a mídia, que tem um papel primordial nesse novo paradigma que é a Internet. Há uma quietude, isto é, ninguém mais se preocupa em alterar e nem buscar o novo, é notório que o jovem vive o seu dia a dia e como tudo promete ser fácil, não é preciso buscar e, portanto, perdemos o que tínhamos de valioso: a perspectiva de uma vida melhor e de uma sociedade que ousa e conquista. Segundo Canevacci (2005, p.39) “[...] não somente os jovens são intermináveis, deslocados, infinitos desmoldurados. Não somente ‘eu’, mas o eu tem mil caras, mil nomes. Mil idades”.

3.3 O jovem e os movimentos sociais

Nota-se que ainda existem outras possibilidades que não só a escola, a família e o Estado para auxiliarem na formação de um ser mais participativo, pois através destas instituições e de outros órgãos é possível oferecer conhecimento, levar o jovem a entender a sociedade e ver sua participação nela.

A partir da compreensão do jovem neste contexto atual, precisamos buscar a cultura que se adquire quando se pensa em Educação. Partimos do conhecimento de que a Educação seria uma garantia de universalidade, com iguais condições de acesso e permanência, é o que confirma o direito social adquirido através da Constituição Federal de 1988, art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Foi a partir da Constituição de 1988, que se incorporou em seu texto a grande parte das reivindicações e lutas populares no que diz respeito à educação como um direito social, ao lado da saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, e a assistência aos desamparados. Esta luta pelo direito social foi conquistada pelo Movimento Social, isto é, uma reunião de pessoas que se põem em movimento pela conquista de algo. Em sua concepção política, movimentos sociais são compostos pelo povo, normalmente excluídos de algum direito, por exemplo: os sem-teto que lutam por habitação, os desempregados por trabalho entre outros. Vê-se então, que se o jovem é um ser social possuidor de direito, é justo que se tenha conhecimento, para que futuramente, possa se manifestar por meio de movimentos sociais que requeiram direitos para o cidadão e para que, como cidadão, também se comprometa, contribuindo para uma sociedade mais justa. Segundo Souza (2004), é preciso que a população tenha consciência de que todos juntos podem lutar para conquistar os seus direitos.

Para Gohn (2011), alguns movimentos sociais que modificaram a conduta dos cidadãos e outros que destacaram a presença do jovem e as consequências que os levaram à conquista de direitos de fato: o primeiro deles é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST é um movimento social brasileiro de inspiração marxista, cujo objetivo é a implantação da reforma agrária no Brasil. A organização não tem registro legal por ser um movimento social e, portanto, não é obrigada a prestar contas a nenhum órgão de governo, como qualquer outro movimento social ou associação de moradores.

Outro movimento é o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o MTST, que surgiu em 1997 da necessidade de organizar a reforma urbana e garantir moradia a todos os cidadãos. Está organizado nos municípios do Rio de Janeiro, Campinas e São Paulo. É um movimento de caráter social, político e sindical. Em 1997, o MST fez uma avaliação interna em que

reconheceu que seria necessária uma atuação na cidade, além de sua atuação no campo. Dessa constatação, duas opções de luta se abriram: trabalho e moradia.

O movimento social, mas também político e cultural na década de 1970, que chegou ao Brasil foram o dos *hippies* (no singular, *hippie*) que era parte do que se convencionou chamar movimento de contracultura dos anos 1960. Uma das frases idiomáticas associada a este movimento foi a célebre máxima “Paz e Amor” (em inglês “*Peace and Love*”) que precedeu a expressão (“*Ban the Bomb*”), a qual criticava o uso de armas nucleares. As questões ambientais, a prática de nudismo e a emancipação sexual eram ideias respeitadas e recorrentes nessas comunidades. Nesta época, muitos jovens passaram a contestar a sociedade e a pôr em dúvida os valores tradicionais e o poder militar e econômico. Esses movimentos de contestação iniciaram-se nos EUA, impulsionados por músicos e artistas em geral. Os *hippies* defendiam o amor livre e a não-violência.

E o mais importante e significativo para o artigo em questão, é apresentar a participação do jovem no Movimento Estudantil. Esse movimento foi formado por jovens de diversas classes sociais, apesar de sua origem estar na maioria dos sujeitos envolvidos que pertenciam à chamada *classe pequeno burguesa*. Em 1967, no Brasil, sob a conjuntura da ditadura militar, esse movimento inicia um processo de reorganização, como a única força não institucionalizada de oposição política, os jovens querem reivindicar seus direitos. O movimento estudantil é o produto social e a expressão política das tensões latentes e difusas na sociedade. Sua ação histórica e sociológica tem sido a de absorver e radicalizar tais tensões. Sua grande capacidade de organização e arregimentação foi capaz de colocar cem mil pessoas na rua, quando da passeata dos cem mil, em 1968. Ademais, a histórica resistência da União Nacional dos Estudantes (UNE), como entidade representativa dos estudantes, serve como exemplo. O movimento estudantil é um movimento social que atua principalmente na área da educação, no qual os sujeitos são os próprios estudantes. Caracteriza-se por ser um movimento que está constantemente se renovando, já que o corpo discente se altera periodicamente nas instituições de ensino. Isso registra uma efetiva participação do jovem na sociedade, mesmo que em pequena parcela, mas é um sinal de mobilização e postura ativa juvenil.

3.4 Conhecendo o pensamento do jovem

Como já dito anteriormente, após entendermos o universo do jovem, do qual estamos estudando, retomemos a pesquisa que foi feita em dois momentos: o primeiro deles com 70 adolescentes para responderem apenas a duas questões e em um segundo momento um novo questionário para a percepção de fato da atuação do jovem. Segue abaixo o resultado das duas pesquisas e análise dos dados colhidos.

Dos 70 adolescentes pesquisados, 69% responderam que participariam de movimentos sociais por causas que

considerassem justas; e 31% responderam que não se envolveriam em nenhum movimento. Em seguida, ao questioná-los sobre qual movimento social se envolveriam, 40% dos pesquisados reafirmaram que não se envolveriam em nenhum movimento social; 24% responderam que se envolveriam em algum movimento social contra a corrupção do país; 12% se envolveriam em movimento social pela luta contra qualquer tipo de preconceito; 13% levantariam a bandeira por uma educação de qualidade e pela preservação do meio ambiente e por fim 11% defenderiam causas mais específicas como: defender os skatistas; o uso das redes sociais; o respeito e a tolerância.

A partir destes dados foi possível observar que, a princípio, o jovem não parece estar desmotivado, nem tão pouco despreocupado com a sociedade da qual faz parte. Talvez apenas seja preciso verificar culturalmente se este jovem tem consciência para requerer seu direito de cidadão e se disponibilizará a tomar alguma atitude em prol de um grupo de pessoas. A maioria manifesta o desejo de participar de um Movimento Social que reivindique e beneficie a população, acompanhar o que acontece na sociedade e manifestar seu desejo de mudança. O que se pode constatar é que estes jovens não conseguem identificar como fariam isso; eles querem participar e têm consciência das injustiças cometidas, mas não sabem efetivamente como poderiam agir para ajudar e mudar algo na sociedade.

Em seguida, foi organizado outro questionário como pesquisa de campo, na mesma escola particular da cidade de São Paulo em um bairro misto, ou seja, comercial e residencial, na zona sul, especificamente no centro de Santo Amaro, com fácil acesso a transporte público, e por estar localizada em lugar de passagem. Desta vez, o questionário foi aplicado aos adolescentes de 15 a 18 anos, estudantes do Ensino Médio Técnico em Informática e Administração e no Regular, preparatório para o vestibular, da rede particular de ensino, oriundos de diversos bairros do entorno, inclusive os periféricos; alunos estes de classe média e média baixa. Para evitar certos constrangimentos e exposições das opiniões de cada aluno, foi indicado que a resposta do questionário seria realizada sem a identificação dos nomes, para preservar as identidades destes adolescentes, menores de idade. O propósito era investigar se este jovem, inicialmente um adolescente, como assim determina a lei pela faixa etária, é individualista ou solidário, é um sujeito social que assume posições, tem consciência, se manifesta e luta por elas? Foi pensando nestas questões que se expõem aqui os primeiros resultados desta primeira etapa de pesquisa, que tem por objetivo constatar qual é a real participação do jovem e se a Educação pode contribuir para formar jovens cidadãos.

No primeiro momento, foi feito o questionário com vinte e oito adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, especificamente: 8 alunos com 15 anos; 6 alunos com 16 anos; 12 alunos com 17 anos e 2 alunos com 18 anos, 100% estudantes da rede particular de ensino, matriculados do 1º ao 3º anos do ensino

médio, entre os cursos regular e técnico de administração e de informática. Questionados se frequentavam outro curso ou atividade extracurricular após seu turno escolar, os 100% responderam que cursam línguas: inglês e/ou espanhol, além disso, dos 28 adolescentes 15% fazem curso de designer games e gráfico; 15% praticam esportes diversos como boxe, *muay thai* e natação; 24% fazem dança/teatro/música/balet; e finalmente 8% fazem curso de pintura e desenho. Perguntados se faziam alguma outra atividade diferenciada, dos 28 entrevistados 57% responderam que não tem nenhuma outra atividade; 18% praticam atividades religiosas; 14% praticam trabalho/estágio e 11% praticam algum tipo de trabalho voluntário. Indagados quantas vezes por semana tinham a frequência a estas atividades diferenciadas, dos que faziam trabalhos voluntários, 72% fazem apenas uma vez por semana e 28% fazem duas vezes por semana. Verificase que há interesse, mesmo que pequeno na prática de atividades sociais como também que há alguns envolvidos com o primeiro emprego, por cursarem curso técnico e por isso alegam não ter disponibilidade de tempo livre para tais práticas.

No segundo momento, os adolescentes foram questionados quanto às suas atuações como cidadãos, ativos na sociedade. Nesta parte, foi verificado que cada adolescente tem um perfil quanto às prioridades para a sua vida e que podem melhorar a sociedade na qual vivem: dos 28 entrevistados, 14% colocaram como prioridade seu ingresso em uma universidade pública; 12% colocaram como prioridade um bom emprego; 9% ter uma carreira brilhante e 8% estudar no exterior; e apenas 6% colocaram como prioridade o casamento e filhos; 5% colocaram como prioridade praticar alguma ação voluntária e finalmente 3% se preocupa em obter um bom plano de saúde. Percebe-se então, que o foco de atenção dos adolescentes são as preocupações imediatas, com uma boa carreira e bom emprego, estudar em uma universidade pública. Poucos consideram como prioridade ter uma família ou fazer um serviço voluntário. Finalmente para entender este universo juvenil, fizemos um último questionamento, no qual os 28 entrevistados foram indagados a respeito do que eles consideram obrigação do governo com a população e obtivemos as seguintes respostas: 50% dizem que o governo deve oferecer escola de bom padrão, seja ela pública ou particular, mas com bom nível escolar; 48% acreditam que o governo deve oferecer segurança pública e transporte público com qualidade; apenas 19% acreditam que o governo deve oferecer saúde gratuita de qualidade a outros; eles incorporaram a crença de que é dever do próprio cidadão obter um bom plano de saúde; e apenas 11% acreditam ser obrigação do governo oferecer programas de habitação. Observa-se aqui que eles apresentam uma preocupação com questões que envolvam a sociedade e que atendam às necessidades da população, como sujeitos implicados, uma vez que suas preocupações envolvem a educação e o transporte público, questões estas bem próximas a suas realidades. Para

encerrar, foram questionados sobre o que mudariam em nossa sociedade, se pudessem, e se tivessem que participar de algum movimento social para conquistarem seus direitos, em qual se envolveriam. Observamos que, dos 28 entrevistados, 75% participariam de algum movimento contra a corrupção e a favor de punição severa e da diminuição da idade penal para realmente fazer cumprir a legislação; 15% participariam de algum movimento a favor de uma educação de qualidade e de prática de esportes e 10% participariam de algum movimento a favor da melhoria da saúde e da segurança pública. Os dados podem indicar que, mesmo tendo algumas dificuldades com relação a entender e enxergar a necessidade do outro, é possível que muitos destes adolescentes se interessem por ações que beneficiem e melhorem a vida em sociedade, principalmente no que diz respeito à Educação, ao transporte e à diminuição da corrupção.

Mediante as declarações expostas pelos jovens, é possível dizer que o jovem é capaz de atuar na sociedade, desde que tenha condições de se mobilizar para tomar atitudes pertinentes. Reforça-se a ideia de que a Educação poderá contribuir para modificar o jovem. Os resultados indicam, para essa amostra, uma motivação e preocupação do jovem com a sociedade.

4 Conclusão

A partir dos resultados obtidos na pesquisa, é possível afirmar que o jovem pode agir a partir de seus conhecimentos, está inserido na sociedade e pode atuar como cidadão. Por isso, é preciso prepará-lo para o exercício da cidadania. Percebe-se que a Educação pode dar muitas possibilidades ao jovem, ao prepará-lo para pensar com autonomia, articular e ter a consciência dos direitos sociais de todos os cidadãos, permitindo seu reconhecimento garantido pela Constituição.

Por essa posição adotada pelo jovem, de comodismo e de não acreditar nas possibilidades de mudança, principalmente em mudanças políticas, que os jovens optam muitas vezes por não serem mais contra nada, abdicam do protagonismo e assumem uma posição de espectador, houve uma acomodação e uma alienação, importando-se somente com o presente. Os novos valores da vida moderna, que se desprendem da tradição, transformam o modo de pensar e agir do jovem; ele passa a viver somente o hoje. E é neste momento que se pode fazer presente a educação para ajudar a modificar concepções como estas e assim torná-los ativos.

Estas informações nos levam a uma reflexão sobre cultura e o jovem inserido nesta cultura, podendo assim tecer algumas considerações relevantes sobre as mudanças ocorridas na postura do jovem contemporâneo:

- 1) O jovem da década de 1980 para cá perdeu a perspectiva de luta, não busca nenhuma melhoria nem ousa mudar nada;
- 2) O jovem deixou de acreditar em mudanças, principalmente mudanças políticas, talvez por vivenciar algumas manifestações que não o levaram a nenhuma transformação e, portanto, optaram por não serem mais contra nada, tudo está bom como

está, ele está satisfeito com a vida que leva, consome, diverte-se e não se responsabiliza por nada.

Finalmente, o jovem se recusa a viver pensando no futuro, nada mais causa impacto e, por isso, tudo está muito bem. Ele simplesmente se molda à nova vida moderna, aos novos valores, se desprende de tudo que havia anteriormente, transforma seu modo de pensar, agir, seu corpo; ele vive.

Sendo assim, a Educação pode ser um dos instrumentos de difusão da cultura, mesmo que da cultura dominante, com o objetivo de reproduzi-la e conservá-la, mostrando que o modo capitalista age no produzir e no pensar do jovem. Por isso, o jovem poderá ser preparado para ser atuante e articulado, com autonomia de pensamento para contribuir, para propor e cumprir ações legais que garantam os princípios básicos para a vida em sociedade e a dignidade de todas as pessoas: o direito à saúde, à educação, à moradia, à assistência.

Normalmente, a pessoa que não tem teto, emprego, terra, educação, acha que é por sua culpa. Outra possibilidade é prepará-lo para atuar em movimentos sociais, pois podem mostrar que estes são direitos e não privilégios. O movimento social tira as pessoas de seu isolamento e lhe dá identidade, dignidade; é de caráter contestador, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade.

Conclui-se, após os estudos feitos, que os movimentos sociais, das diferentes camadas sociais, com suas demandas, organizações, práticas e estruturas, possuem um caráter educativo e contribuem para que os resultados deste processo levem à construção da cidadania político-social brasileira.

Para finalizar, as Políticas Sociais podem interferir de maneira positiva na vida do cidadão, garantindo a universalidade de direitos e assim também pode preparar o jovem para a conquista destes direitos por intermédio de movimentos sociais, que constatem o real exercício da cidadania.

Referências

- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação da massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BOURDIEU, P. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRASIL. Constituição Federativa do Brasil, 1988. Brasília, 1998.
- BRASIL. Emenda Constitucional n. 42/2008 e n.º 65/2010. Brasília, 2010.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal n. 8069/1990. Brasília, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/96. Brasília: MEC, 1996.
- CANEVACCI, M. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CHAUÍ, M. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.*, n.24, p.40-52, 2003.

- GOHN, M.G. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Rev. Bras. Educ.*, v.16, n.47, p.333-361, 2011.
- MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Rev. Young*, v.4, n.2, p.3-14, 1996.
- MORIN, E. *Cultura de massas: no século XX (O Espírito do Tempo II) Necrose*. São Paulo: Forense, 1967.
- NOVAES, R.C.R. *Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas*. 2004. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a38-rnovaes.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Rev. Bras. Educ.*, v.5, n.6, p.15-24, 1997.
- SPOSITO, M.P. Estudos sobre juventude em educação. *Rev. Bras. Educ.* v.5, n.6, p. 37-52, 1997.
- SOUZA, M.A. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: participação e possibilidades no contexto das práticas democráticas. *In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 8., Coimbra, 2004. *Anais...* Coimbra, 2004.

